

# A experiência fática da vida e seu caráter de significância na *Fenomenologia da vida religiosa* de Heidegger

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens \*

Marcelo Ribeiro da Silva \*\*

## **Resumo**

A experiência fática da vida é uma modalidade de acesso a dinâmica do viver. Não ascende à vida de modo imediato, mas em sua manifestação. Na experiência recolhe-se a tensão intencional da dinâmica da vida. Fático abarca a dimensão histórica do viver. E o caráter de significância da experiência fática indica que tudo o que se toma da vida se articula num entorno significativo que o reveste de significado.

## **Palavras-chave**

Experiência fática da vida; vida fática; significância; Martin Heidegger.

## **Abstract**

The factual experience of life is a modality of access to the dynamics of living. It does not come to life immediately, but in its manifestation. In experience, we receive an intentional tension on life capacity. The factual includes the historical dimension of living. And the significance of the factual experience indicates that everything that is taken from life is articulated in a meaningful environment that gives it meaning.

## **Keywords**

Factual experience of life; factual life; Meaningfulness; Martin Heidegger.

---

\* Doutor em Filosofia, professor efetivo do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unioeste; professor colaborador permanente do Mestrado da UEM. Líder do *Grupo de Pesquisa Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica* da Unioeste. E-mail: kahlmeyermertens@gmail.com.

\*\* Mestre em Filosofia pela Unioeste, membro pesquisador do *Grupo de Pesquisa Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica* da Unioeste. E-mail: pmarcelo@outlook.com.

## Introdução

A compreensão da experiência fática da vida como o ponto de partida e meta do caminho filosófico é um dos frutos do exercício fenomenológico que o jovem Heidegger desenvolveu na preleção de 1920/21: *Introdução à fenomenologia da religião*.<sup>1</sup> O trabalho do pensador se orientou para a afirmação da experiência fática como o *locus* filosófico mais primigênio de uma ciência originária da vida.

Importa a este trabalho, primeiramente, trazer à cena a compreensão do comparecimento da experiência fática da vida no horizonte filosófico e enquanto sua questão fundamental. Isso significa, dar visibilidade a situação do jovem Heidegger e aos problemas filosóficos que favoreceram a problematização da vida fática.

A formação intelectual do jovem Heidegger foi marcada por vários momentos de inflexão. Ele recebeu da Igreja Católica uma educação cristã neoescolástica e antimodernista, seus estudos no seminário providenciaram a ele um vasto contato com as obras de Aristóteles e também, por interesse pessoal, ali fez suas primeiras leituras das *Investigações Lógicas* (1900) de Husserl. A primeira inflexão na educação de Heidegger foi sua decisão de deixar a formação sacerdotal para dedicar-se aos estudos filosóficos. Com isso, abriu-se um período no qual a educação católica-dogmática desse jovem colidiu com os problemas filosóficos contemporâneos. No caso, foi importante nesse período o círculo dos neokantianos, nele Heidegger encontrou orientação para empreender um percurso de estudos que não se submetesse a filosofia dominante na época, marcada pela hostilidade à metafísica e sujeita a uma compreensão factual do ser humano.<sup>2</sup>

A segunda inflexão na formação do pensador iniciou-se em 1916, quando ele passou à condição de discípulo de Husserl. Começava para Heidegger um momento de reorientação de suas convicções filosóficas e religiosas. Esse foi tempo de introdução no exercício fenomenológico, de iniciação na dinâmica da intencionalidade, mas também de descoberta do espírito histórico.<sup>3</sup> Dessa época destaca-se, sobretudo, que a interpretação

---

<sup>1</sup> HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Trad. Enio Paulo Giachini, Jairo Ferradin, Renato Kirchner. 2.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014. (Coleção Pensamento Humano), p. 15.

<sup>2</sup> Cf. LÓPEZ, Francisco de Lara. El concepto de fenómeno en el joven Heidegger. *Acta fenomenológica latino-americana*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú; Morelia: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2009. v. 3. p. 377-392.

<sup>3</sup> Cf. ESCUDERO, Adrián Jesús. *El joven Heidegger: un estudio interpretativo de su obra temprana al hilo de la pregunta por el ser*. 2000. Tese (Doutorado em Filosofia) – Facultat de Lletres, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2000, p. 123.

heideggeriana da fenomenologia foi codeterminada por uma preocupação com a historicidade humana, a qual, por sua vez, recobrava sua formação religiosa e filósofos influentes nesse período, como Kierkegaard e Dilthey.<sup>4</sup>

Nesse contexto, a apresentação da experiência fática da vida como a questão primordial da filosofia significou, em boa parte, a consolidação do exercício fenomenológico no caminho filosófico de Heidegger, mas também o descolamento do projeto husserliano, o qual, na visão do discípulo, declinou da experiência filosófica originária para mais uma concepção de mundo.<sup>5</sup>

O que Heidegger viu na experiência fática da vida que lhe deu condições de se distanciar da concepção husserliana da fenomenologia? Ele viu que a vida excede a objetivação teórica, viu, ademais, como a facticidade da vida se oculta nos sistemas metafísicos. E, ainda, como arguiu Hebeche, viu que “(...) a vida nasce do subterrâneo e não da clara ideia filosófica”,<sup>6</sup> e quando tomada em termos especulativos a experiência da vida se esfacela e perde seu caráter fático.<sup>7</sup>

Dado este breve aceno sobre o horizonte no qual irrompe a questão da vida como âmbito originário do perguntar filosófico, cabe passar à caracterização do fenômeno da vida fática e de sua experiência, isso se dará em especial pela interpretação do § 3 de *Introdução à fenomenologia da religião*, de outros textos coetâneos do filósofo e com a ajuda de seus comentadores.

### **1. A distinção entre vida fática e experiência fática da vida**

O percurso a ser perfeito parte da distinção entre o domínio da experiência fática e o terreno da vida propriamente dita. Em primeiro plano está a abertura originária da vida, o âmbito que reluz no irromper dos fenômenos. Com efeito, esse mistério em si e para si chamado vida, não pode ser acessado em sua imediaticidade e não pode ser

---

<sup>4</sup> GADAMER, Hans-Georg. *Hegel – Husserl – Heidegger*. [Tradução: Marco Antônio Casanova]. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 43.

<sup>5</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*

<sup>6</sup> HEBECHE, Luiz. *O escândalo de Cristo: ensaio sobre Heidegger e São Paulo*. Ijuí: Unijuí, 2005, p. 48.

<sup>7</sup> Cf. ESCUDERO, Adrián Jesús. *El joven Heidegger: un estudio interpretativo de su obra temprana al hilo de la pregunta por el ser*. *Op. cit.*, p. 215.

desvelado em seu próprio movimento,<sup>8</sup> precisa ser experimentado de modo fático enquanto *vida*.<sup>9</sup>

Dada essa indicação inicial, deve-se indagar: Mas o que é, propriamente, questão para a fenomenologia? Como estariam ligadas a fenomenologia e as noções de vida e de sua experiência fática? Respondendo de modo sucinto: fenomenologia, tal como pensada por Heidegger (entre os anos de 1919-21), tem a enfática tarefa de *acessar a vida*. Conquanto, aquilo que a vida é, não se deixa tomar em sua essência, ela se oculta em uma imediaticidade intransponível. A isso, interpretou John D. Caputo nos seguintes termos: “A filosofia escolheu para si própria um alvo em movimento, algo cujo ser é o próprio movimento”.<sup>10</sup> Em outras palavras, a vida guarda uma dimensão indeterminável, que é impossível de ser abarcada pelo saber fenomenológico. *Acessar a vida é acompanhar seu movimento que constitui mundo*, e buscar determinar propriedades da vida significa romper seu fluxo existencial, que implicaria desvitalizá-la. Carbone também aponta a isso, quando afirma que a fenomenologia heideggeriana está: “(...) perante à principal e mais grave dificuldade, aquela de uma inextrincável vizinhança da vida a si mesma”.<sup>11</sup>

O que foi dito põe em relevo o seguinte: ainda que a fenomenologia não acenda imediatamente à dinâmica originária da vida, se estabelece com ela um laço designado *experiência fática da vida*. Desse modo, é no domínio da experiência fática que se faz fenomenologia, pois ela é um fenômeno particular que, “(...) embora rompa o andamento natural da vida”<sup>12</sup> e, portanto, não diga da vida desde a imediaticidade de seu “fenomenar”, fala da vida, contudo, interpretando o “‘como’ [*Wie*] da vida fática, seu modo de manifestação e de expressão”.<sup>13</sup> Isso é indicativo do modo desde o qual a filosofia exprime o fenômeno da vida e o da experiência com caráter fático; bem como, do fato de a filosofia surgir nesse âmbito da experiência fática da vida. Uma indicação

---

<sup>8</sup> Cf. CAPUTO, John D. *Desmistificando Heidegger*. Trad. Leonor Aguiar. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, p. 77.

<sup>9</sup> FERNANDES, Marcos Aurélio. Fenomenologia da facticidade da vida religiosa cristã desde o Novo Testamento: mundo, si-mesmo, temporalidade. *Revista Brasileira de Filosofia da Religião*, Brasília, v. 2, n. 2, dez. 2015, p. 16.

<sup>10</sup> CAPUTO, John D. *Desmistificando Heidegger*. *Op. cit.*, p. 76.

<sup>11</sup> CARBONE, Guelfo. *Il problema del mondo nei primi corsi friburghesi di Martin Heidegger*. 2014/2015. Tese (Doutorado em Filosofia e História da Filosofia) – Facoltà di Lettere e Filosofia, Sapienza Università di Roma, Roma, 2014/2015, p. 133.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 140.

<sup>13</sup> *Ibid.*

nesse sentido é o que se tem com Heidegger, quando este assevera que a experiência fática “(...) torna possível nela mesma o caminho para a filosofia”<sup>14</sup>

## 2. A compreensão heideggeriana de experiência fática da vida

O contexto anteriormente apresentado demanda trazer à questão o significado do que se viu chamado de “experiência fática da vida” (*Erfahrung des faktische Leben*). Uma tal questão é colocada pelo jovem Heidegger no § 3 de *Introdução à fenomenologia da religião* (1920/21), questionamento que ele responde nos seguintes termos:

(...) “Experiência” designa: 1) ocupação que experimenta; 2) o que é experimentado através dela. Nós, porém, determinamos com este propósito a palavra em seu duplo significado, porque ela exprime justamente o essencial da experiência fática da vida, uma vez que o experimentar mesmo e o experimentado não devem ser colocados como coisas uma ao lado da outra. ‘Experimentar’ não significa ‘tomar conhecimento’, mas o ‘confrontar-se com’ [*Sich-Auseinander-Setzen mit*] o que é experimentado, o ‘afirmar-se’ [*Sich-Behaupten*] das formas experimentadas. Isso possui um significado tanto positivo quanto negativo. ‘Fático’ não significa realidade natural, não significa determinação causal e nem coisa concreta. O conceito de ‘fático’ não alcança seu significado a partir de determinados pressupostos da teoria do conhecimento, uma vez que deve ser compreendido apenas através e pelo conceito de ‘histórico’”.<sup>15</sup>

A citação inicia-se com a denominação de experiência. Com esta se estabelece, primeiramente, dois momentos estruturais em unidade indissociável, a saber: o *experimentar* e o *experimentado*. A unidade da referida experiência caracteriza-se por uma tensão constitutiva entre o “confrontar-se com” do experimentar e “o afirmar-se” do experimentado. Essa tensão recolhe a dinâmica do fenômeno da experiência, sob o qual Heidegger trabalha almejando a elucidação. Vale, assim, destacar em alguns textos do filósofo o itinerário que ele empreendeu para alcançar esse intuito.

Destarte, observa-se em *A ideia da filosofia e o problema da visão de mundo* (1919), a questão da experiência gesta-se no contexto da vivência do mundo circundante e da

---

<sup>14</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*, p. 15

<sup>15</sup> *Ibid.*, p. 14.

compreensão da “ação de mundear” (*es Weltet*). O filósofo assinala com insistência a coligação entre “eu-mundo”<sup>16</sup>, como se percebe na citação: “Onde quer e sempre que algo mundeie para mim, *eu* participo de alguma maneira desse mundear”<sup>17</sup> O acento heideggeriano sobre a “ação de mundear” é devedor da compreensão husserliana de vivência intencional, é isso que elucida Escudero<sup>18</sup> ao mostrar que subjaz à noção de vivência do mundo o esquema intencional de Husserl, desse modo, o “eu-mundo” remete à estrutura correlativa *nóese-nóema* nesse filósofo.

Para Heidegger é, sem dúvida relevante, o dinamismo da própria intencionalidade, que ultrapassa os polos intencionais e que permite perceber “(...) um jogo correlativo de mútua apropriação”.<sup>19</sup> Partindo da estrutura intencional de Husserl, a filosofia heideggeriana buscará penetrar esse dinamismo, que ele precisa como “(...) viver dirigindo-se até algo”.<sup>20</sup> A ênfase nessa potencialidade da vida demandará o aprimoramento da noção de vivência e, por sua vez, culminará no descerramento da experiência como forma mais adequada de arguir a vida.

Na preleção *Introdução à fenomenologia da religião*, que se toma majoritariamente como base, nota-se com que relevância o tema da experiência favorece a inflexão heideggeriana da fenomenologia de Husserl. Pela caracterização da experiência em seus momentos estruturantes, Heidegger ressignifica o dinamismo da intencionalidade, no caso, a experiência é apreciada como um modo mais originário de considerar a intencionalidade.<sup>21</sup>

Por esse plano, faz sentido que o texto conjugue o “experimental” e o “experimentado”, e, depois, demarque as especificidades desses dois momentos. No questionamento da experiência enquanto *experienciar*, caracteriza-se “(...) o jeito e a

---

<sup>16</sup> O uso do pronome “eu” não satisfaz a intenção do emprego que Heidegger faz do termo *Selbst*. Por *Selbst*, Heidegger procura intensificar o mundo do si-próprio, enquanto o âmbito da experiência da vida. É uma fenomenologia não do “*eu*”, mas do “*si*” ou, talvez, do “*mim*”. Com efeito, falta o recurso linguístico mais apropriado na língua portuguesa para indicar essa realidade.

<sup>17</sup> HEIDEGGER, Martin. *La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo*. Trad. Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder, 2005, p. 89.

<sup>18</sup> Cf. ESCUDERO, Adrián Jesús. *El joven Heidegger: un estudio interpretativo de su obra temprana al hilo de la pregunta por el ser*. *Op. cit.*, p. 179.

<sup>19</sup> FERRER, Garcés Rócio. *El desasosiego de la vida fáctica*. La transformación afectiva de la intencionalidad en las lecciones de Friburgo de Martin Heidegger (1919-1923). 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) – Facultat de Filosofia i Ciències de l'Educació, Universitat de València. Valencia, 2014, p. 149.

<sup>20</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo*. *Op. cit.*, p. 89.

<sup>21</sup> Cf. FERRER, Garcés Rócio. *El desasosiego de la vida fáctica*. La transformación afectiva de la intencionalidad en las lecciones de Friburgo de Martin Heidegger (1919-1923). *Op. cit.*

maneira, ou seja, o *como* [Wie] do experimentar de cada mundo”.<sup>22</sup> Nesse caso, a atenção recai sobre o modo da experiência. Já na explicitação do *experimentado* através da experiência, tem-se a afirmação do *conteúdo* da experiência; nesse caso, a atenção está sobre *aquilo que se experimenta*, que, por sua vez, não é um objeto, mas o próprio mundo.<sup>23</sup>

O que se alcança com isso é o refinamento do conceito de experiência. A consideração fenomenológica da experiência evidencia o dinamismo experiencial, o qual é capaz de incorporar o movimento intencional sem sofrer com isso deslize em uma atitude teórica. O experienciar fático sobressai como uma modalidade mais próxima do próprio movimento da vida, enquanto o conhecer degenera-se em uma forma de coexperimentar. Isso pode ser considerado na forma como Heidegger distingue o experimentar da experiência fática do coexperimentar da tomada de conhecimento:

Em primeiro lugar, é mister compreender o sentido da tomada de conhecimento a partir da motivação do próprio experimentar. O caráter peculiar da experiência fática da vida é o ‘como eu me coloco diante das coisas’, o jeito e a maneira de experimentar, *não* é coexperimentar. Antes de qualquer decreto de que a filosofia seja conhecimento, deve tornar evidente fenomenologicamente, pela experiência fática da vida, o que pertence ao sentido do conhecer.<sup>24</sup>

Observa-se o pensamento do filósofo sobre a noção de experiência em mais dois textos, seriam eles: *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles* (1921-22) e *A caminho da linguagem* (1959), os quais corroboram com o argumento de que o pensador compreende o dinamismo experiencial como a modalidade pela qual o fenômeno comparece no horizonte da existência ou, por assim dizer, na vida fática.

Em *Interpretações Fenomenológicas sobre Aristóteles*, o tema da experiência sobressai em meio a busca heideggeriana pelos traços fundamentais da vida fática.<sup>25</sup> O assunto em pauta ali é a dimensão do cuidar: “(...) vida, segundo seu *sentido relacional*, deve ser interpretada como *cuidar*; cuidar por e cuidar de algo, viver cuidando de algo”.<sup>26</sup> Nesse meio, a experiência irrompe alinhavada com a noção de encontro, que, no que lhe

---

<sup>22</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*, p. 16.

<sup>23</sup> *Ibid.*

<sup>24</sup> *Ibid.*, p. 16-17.

<sup>25</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles*: Introdução à pesquisa fenomenológica. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2011.

<sup>26</sup> *Ibid.*, p. 103.

concerne, dá conta da articulação entre o que “(...) está e é encontrado no caminho da cura”<sup>27</sup> e o “como-fundamental da relação da vida: cuidar”.<sup>28</sup> Experiência, nesse contexto, qualifica-se como o modo em que se realiza o encontrar, isso quer dizer que: primeiro, encontro é o modo fundamental em que se articula mundo; segundo, *esse encontro caracterizado em seu modo de realização chama-se experiência*.<sup>29</sup>

O outro texto de Heidegger que tem um trato esclarecedor com a noção de experiência é *A caminho da linguagem*, o salto para a década de 50 acompanha a argumentação de Fernandes, que destacou nesse texto uma “(...) caracterização mais refinada do que seja *fazer experiência de algo*”.<sup>30</sup> Tal avaliação encontra respaldo nas palavras do próprio Heidegger quando este diz:

Fazer a experiência de alguma coisa significa: a caminho, num caminho, alcançar alguma coisa. Fazer a experiência com alguma coisa significa que, para alcançarmos o que conseguimos alcançar quando estamos a caminho, é preciso que isso nos alcance e comova, que nos venha ao encontro e nos tome, transformando-nos em sua direção.<sup>31</sup>

A menção aqui ao “caminho” retoma o tema do dinamismo da experiência. A indicação que o texto assume é de que a experiência é “(...) um ser e estar a caminho”,<sup>32</sup> no qual se vive a tensão entre o buscar e o ser alcançado por algo, tensão que já foi descrita em *Introdução à fenomenologia da religião* como o *confrontar-se com* do experienciar e o *afirmar-se das formas* experimentadas.<sup>33</sup> Destaca-se assim que “(...) fazer uma experiência com algo”<sup>34</sup> se traduz em termos de andamento no caminho, isso serve, em especial, para distinguir o “fazer” uma experiência do adquirir conhecimentos. Como reforça Heidegger: “Fazer’ não diz aqui de maneira alguma que nós mesmos produzimos e operacionalizamos a experiência”,<sup>35</sup> diz isso, de modo a deixar explícito que não há modo

---

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 104.

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> *Ibid.*

<sup>30</sup> FERNANDES, Marcos Aurélio. Heidegger e o método da explicação fenomenológica das cartas de Paulo. *Reflexão*, Campinas, v.41, n.1, p. 95-111, jan./jun., 2016, p. 98.

<sup>31</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003, p. 137.

<sup>32</sup> *Ibid.*

<sup>33</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>34</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 121.



de se apoderar do experimentado em sua afirmação, cabe apenas a dinâmica experiencial articular um encontro, no qual o experienciar move-se para receber, se entregar e se harmonizar com o que lhe vem ao encontro, e, do outro lado, vem ao encontro, comparece no horizonte experiencial “(...) esse algo que se faz, que se envia, que se articula”.<sup>36</sup>

### 3. A dimensão fática da experiência da vida

Cabe neste momento se voltar novamente ao §3 de *Introdução à fenomenologia da religião*, para continuar o percurso de compreensão da resposta de Heidegger à pergunta: “o que significa a experiência fática da vida?”. A segunda parte do argumento posiciona o filósofo quanto ao aspecto fático da experiência. Assim, vale recobrar sua exposição: “O conceito ‘fático’ não alcança seu significado a partir de determinados pressupostos da teoria do conhecimento, uma vez que deve ser compreendido apenas através e pelo conceito de histórico”.<sup>37</sup> Salta aos olhos o intuito do argumento em libertar o conceito fático do domínio epistemológico e, em último caso, da tradição metafísica. Para tanto, Heidegger precisa pôr em evidência a necessidade de se compreender a dimensão fática da experiência desde a caracterização do conceito de histórico, isso significa, sobretudo, uma nova posição do exercício fenomenológico, que para “ir as coisas mesmas” como intencionava Husserl, deverá compreender a historicidade viva desde a qual se articula a eclosão do fenômeno.

O ponto de partida para compreensão da dimensão fática da experiência da vida será uma pergunta e uma afirmação inscritas em textos que comungam de um mesmo contexto filosófico. Em outro texto de juventude, *Notas sobre “a psicologia das visões de mundo” de Karl Jaspers*, um escrito pouco conhecido do grande público, mas seminal, Heidegger se pergunta: “Como é, afinal, que a ‘vida’ está aí? E aquilo que está aí até o presente, como é conquistado”.<sup>38</sup> Igualmente relevante é a afirmação do filósofo ao mesmo respeito em *A ideia da filosofia e o problema da visão de mundo*: “A vivência tem um agora, está aí”.<sup>39</sup>

---

<sup>36</sup> *Ibid.*

<sup>37</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*, p. 14.

<sup>38</sup> HEIDEGGER, Martin. *La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo*. *Op. cit.*, p. 49.

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 84.

Nas duas passagens acima, ressalta-se uma determinação fundamental da experiência da vida, ela está, “está aí”. Na tradição filosófica, uma orientação objetiva exterior prevaleceu na interpretação dessa questão, o *aí* seria o factual, que “(...) tem a propriedade de ocorrer no tempo, de transformar-se”.<sup>40</sup> Em *Introdução à fenomenologia da religião*, Heidegger delimita o campo conceitual: “O conceito fático (...) deve ser compreendido apenas através e pelo conceito de ‘histórico’”,<sup>41</sup> e, depois, expõe seu sentido fenomenológico: “O histórico é vitalidade imediata num sentido mais amplo do que apenas fato histórico subsistente no cérebro de um lógico (...)”.<sup>42</sup>

O que se põe em relevo no caráter fático da experiência da vida é que nele se implica que a vida seja “(...) vivenciada *hic et nunc*, e realizada nessa situação histórico-espiritual”<sup>43</sup> Assim sendo, a dimensão fática remete a imediatez do fenômeno da vida. Ao desconsiderar sua densidade fática, lida-se com a vida desprovendo-a de sua vitalidade, de modo que, quanto mais distante de sua condição *hic et nunc*, quer dizer, da sua manifestação no aqui e agora de uma situação histórica espiritual, menos se vê o fenômeno da experiência fática da vida.

De que maneira é possível aprender e tornar visível o fenômeno da experiência fática da vida? A resposta que Heidegger tem para isso em seu texto de comentário a Jaspers é: a vida fática “(...) descortina-se apenas para uma realização histórica da experiência”.<sup>44</sup> O que se quer guardar dessa argumentação é a ascensão do elemento fático à condição de questão filosófica, que, no caso, significa reconduzir o fenômeno da vida ao seu enraizamento histórico,<sup>45</sup> do qual foi arrancado para servir a uma filosofia que estabeleceu a vida como uma região totalizante que abarca uma multiplicidade de fenômenos.<sup>46</sup>

Disso conclui-se que, o caráter fático da experiência da vida indica o modo histórico desde o qual, na dinâmica da experiência, se acessa a vida, o que, por sua vez, denota que o histórico é uma condição originária e não só um objeto da experiência. No

---

<sup>40</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*, p. 83.

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 14.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 33.

<sup>43</sup> HEIDEGGER, Martin. *A caminho da linguagem*. *Op. cit.*, p. 43.

<sup>44</sup> *Ibid.*

<sup>45</sup> Cf. KIRCHNER, Renato. A Problemática do tempo na conferência heideggeriana “Der Begriff der Zeit”. *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, Toledo – PR, 2017, v.1, n.1, p. 105-123.

<sup>46</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*, p. 50.

horizonte de manifestação dos fenômenos, o histórico não é experimentado “(...) como um esquema temporal para uma ordenação objetiva das coisas”,<sup>47</sup> mas seu nexos de sentido “(...) está prefigurado na preocupação mesma”,<sup>48</sup> ou seja, deixado de lado os encobrimentos do histórico nas teorias, deve ele ser pensado desde o fenômeno da preocupação, desde a inquietude e mobilidade da realidade da vida.<sup>49</sup>

#### 4. O caráter de significância da experiência fática da vida

Cabe esclarecer mais, depois de ter feito o movimento de exposição até aqui, a respeito da compreensão que Heidegger tem sobre a significância, como o caráter fundamental da experiência fática da vida. Isso é o que se dá já em *Introdução à fenomenologia da religião*, quando o conceito se faz presente em um movimento expositivo e demarcatório da distinção entre a experiência do conhecimento e a experiência fática da vida. A importância dessa diferenciação reverbera por toda a apresentação, para o qual o caráter de significância desponta como uma resposta que não coaduna com as interpretações que advogam por uma leitura da experiência com teor gnosiológico, “(...) nem no sentido de realismo nem no sentido de idealismo”.<sup>50</sup> Nesse contexto, a questão desde a qual faz sentido se perguntar pelo caráter peculiar da experiência fática é o da dúvida quanto ser o experimentar uma modalidade decorrente da atitude teórica.

Embora o caminho expositivo até o momento tenha se articulado de modo a sustentar uma relação pré-teórica da experiência fática com a vida, e tenha demarcado com a interpretação da experiência a distinção entre o conteúdo (*que*) e os modos (*como*) da manifestação dos fenômenos, ainda assim, não é de todo evidente a incompatibilidade entre a atitude teórica e a experiência fática. Já é claro que a dinâmica existencial da vida, quando considerada pelo conhecimento teórico, se esvazia e se desvitaliza, conquanto, o que garante que o olhar fenomenológico da experiência não esteja também contaminado pelo comportamento teórico? Como Heidegger supera uma fenomenologia reflexiva sobre a vivência?<sup>51</sup>

---

<sup>47</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 48.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 48-49.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>51</sup> CARBONE, Guelfo. *Il problema del mondo nei primi corsi friburgesi di Martin Heidegger. Op. cit.*, p. 98.

A resposta de Heidegger para isso é que “[...] tudo o que é experimentado na experiência fática da vida carrega caráter de significância [*Bedeutsamkeit*]”.<sup>52</sup> O filósofo ainda complementa ao afirmar: “No modo de ser da significância, que determina o caráter do experimentar mesmo, eu experimento todas as minhas situações fáticas da vida”.<sup>53</sup> Na citação, o que vem à tona é a determinação do caráter da experiência enquanto significância, ela opera em uma modalidade fora do enquadramento teórico e isso precisa ser distinguido.

Na configuração do conhecer teórico supõe-se algum tipo de apreensão correlativa que conforma seu correlato em uma coisa objetiva, uma coisa capaz de ser abstraída num processo de conhecimento, um processo que tem por atitude fundamental a observação teórica.<sup>54</sup>

No experimentar fático, aquilo que é experienciado carece de caráter objetivo, pois se articula em uma certa significância,<sup>55</sup> isso quer dizer que, aquilo que vêm ao encontro na experiência participa de um contexto significativo que o possibilita enquanto tal. Além disso, que experimentar algo só é possível em sua significatividade, o que demanda ver o entorno significativo que o reveste de significado.<sup>56</sup> Neste caso, a atitude fundamental que promove a experiência não é a observação, mas a interpretação, pois se vê como parte de uma articulação compreensiva, um fazer-se mundo, e não mero contrapor-se a um objeto.

Nesse contexto, faz sentido falar de experimentar *como significância*<sup>57</sup> e experimentar *na significância*,<sup>58</sup> porque aquilo que se dá em manifestação não é um “‘estado de coisas’ (*Sacheverhalt*), própria da lógica formal, [mas um] (...) ‘nexo de significatividade’, peculiar da hermenêutica”.<sup>59</sup> Em outras palavras, o que se explicita no experimentar fático comparece articulado significativamente, não é que ele tenha um determinado conteúdo

---

<sup>52</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*, p. 18.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 17.

<sup>54</sup> *Ibid.*

<sup>55</sup> FERNANDES, Marcos Aurélio. O abismo invoca o abismo: uma meditação sobre o pensar e o ser. *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Toledo, v. 1, n.4, p. 41-64, 2019.

<sup>56</sup> Cf. ESCUDERO, Adrián Jesús. *El joven Heidegger: un estudio interpretativo de su obra temprana al hilo de la pregunta por el ser*. *Op. cit.*, p. 159.

<sup>57</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. *Op. cit.*, p. 18.

<sup>58</sup> Cf. HEIDEGGER, Martin. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles*. *Op. cit.*, p. 104.

<sup>59</sup> Cf. ESCUDERO, Adrián Jesús. *El joven Heidegger: un estudio interpretativo de su obra temprana al hilo de la pregunta por el ser*. *Op. cit.*, p. 156.

que se capta na experiência, mas a experiência é propriamente um momento significativo, um entrecruzamento de significados, no qual a orientação significativa e o transfundo de um modo simbolicamente estruturado se conjugam em um sentido concreto.<sup>60</sup>

Dito isso, o que se elucida neste artigo é a realidade contrastante e inconciliável entre o caráter objetivo da teoria e o caráter de significância da experiência fática. Onde há teoria, ali se suprime o caráter de significatividade da experiência da vida; onde há experiência fática da vida, ali importa “(...) a conexão de significado em que vem a acontecer a experiência vivida”.<sup>61</sup>

### Considerações finais

A questão da experiência fática da vida e de seu caráter de significância foi abordada neste artigo com o interesse de trazer à luz a correlação intencional da experiência da vida, que não pode ser objetivada em um conhecimento, mas pode ser indicada na sua articulação de sentido.

A princípio, buscou-se reconstruir brevemente a situação e os contextos que favoreceram Heidegger pensar a experiência fática da vida como ponto de partida para o filosofar. Em boa medida, o exercício fenomenológico do filósofo foi temperado com a densidade histórica e dinâmica da experiência da vida, ou seja, na consideração da experiência fática o projeto de Heidegger se descolou na concepção husserliana da fenomenologia, em especial, porque a vida quando tomada na especulação teórica perde seu caráter significativo e fático.

Em seguida, distinguiu-se vida fática de experiência fática da vida. Viu-se assim, que da vida só se pode indicar sua abertura originária, que, contudo, guarda um mistério intransponível para toda forma de saber. Acessar a vida, portanto, não é definir sua essência, mas acompanhar seu fluxo existencial. A experiência fática já é interpretação da vida, porque em vez de tematizá-la indica seu “como”, o seu modo de manifestação.

Na interpretação heideggeriana da experiência fática da vida destaca-se a estrutura da dinâmica experiencial. No experimentar cintila o *como da experiência*, no experimentado ressalta-se o *que* da experiência. Em síntese, experiência fática da vida diz respeito a dar

---

<sup>60</sup> Cf. ESCUDERO, Adrián Jesús. *El joven Heidegger: un estudio interpretativo de su obra temprana al hilo de la pregunta por el ser*. *Op. cit.*, p. 159-161.

<sup>61</sup> CARBONE, Guelfo. *Il problema del mondo nei primi corsi friburgesi di Martin Heidegger*. *Op. cit.*, p. 95.

visibilidade a mobilidade da vida, em sua articulação afirma-se um conteúdo significativo, enquanto no seu próprio movimento de aparecimento se oculta seu modo fático de se dar.

Os movimentos seguintes deste trabalho, nesse sentido, buscaram caracterizar a dimensão fática e o caráter de significância da experiência fática da vida. A dimensão fática da vida diz respeito a historicidade viva em que todo fenômeno se constitui e se elucida, é a condição *hic et nunc* de toda experiência, nada se dá fora da realização histórica da vida. No caráter de significância transparece a articulação de sentido do fenômeno, ou seja, aquilo que se dá na manifestação não é uma coisa, mas um nexo de significatividade, um entrecruzamento de significados a comparecer no horizonte experiencial da vida.

De tudo o que foi dito, reluz no caminho que se percorreu em direção ao sentido da experiência fática da vida duas descobertas: a primeira é a vida, que guarda uma dinâmica originária, cuja mobilidade fulcral não pode ser abarcada em um conhecimento; a segunda é a experiência fática como a modalidade mais apropriada para se interpretar o fenômeno da vida, pois a toma não como um objeto passível de uma definição ideal, mas acompanha sua articulação fática e significativa a comparecer no horizonte experiencial.

### Referências

- CAPELLE-DUMONT. *Filosofia y teologia en el pensamiento de Martin Heidegger*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2012. 336p.
- CAPUTO, John D. *Desmistificando Heidegger*. Trad. Leonor Aguiar. Lisboa: Instituto Piaget, 1998. 300p. (Coleção Pensamento e Filosofia).
- CARBONE, Guelfo. *Il problema del mondo nei primi corsi friburghesi di Martin Heidegger*. 2014/2015. Tese (Doutorado em Filosofia e História da Filosofia) – Facoltà di Lettere e Filosofia, Sapienza Università di Roma, Roma, 2014/2015. 265p.
- GADAMER, Hans-Georg. *Hegel – Husserl – Heidegger*. [Tradução: Marco Antônio Casanova]. Petrópolis: Vozes, 2012, 608p.
- HEBECHE, Luiz. *O escândalo de Cristo: ensaio sobre Heidegger e São Paulo*. Ijuí: Unijuí, 2005. 432p.

HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Trad. Enio Paulo Giachini, Jairo Ferradin, Renato Kirchner. 2.ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2014. (Coleção Pensamento Humano). 339p.

\_\_\_\_\_. *Phänomenologie des Religiösen Lebens*. In: Gesamtausgabe 60. Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995. 351p.

\_\_\_\_\_. *A caminho da linguagem*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2003, 229p.

\_\_\_\_\_. *Interpretações fenomenológicas sobre Aristóteles*: Introdução à pesquisa fenomenológica. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2011. 235p. (Coleção Textos Filosóficos).

\_\_\_\_\_. *La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo*. Trad. Jesús Adrián Escudero. Barcelona: Herder, 2005, 165p.

ESCUADERO, Adrián Jesús. *El joven Heidegger: un estudio interpretativo de su obra temprana al hilo de la pregunta por el ser*. 2000. Tese (Doutorado em Filosofia) – Facultat de Lletres, Universitat Autònoma de Barcelona, Barcelona, 2000. 543p.

ESCUADERO, Adrián Jesús. El programa filosófico del joven Heidegger. Em torno a las lecciones de 1919. La idea de la filosofía y el problema de la concepción del mundo. *Eidos: Revista de Filosofía de la Universidad del Norte*, Barranquilla, n. 7, p. 10-27, ago. 2007.

FERNANDES, Marcos Aurélio. Fenomenologia da facticidade da vida religiosa cristã desde o Novo Testamento: mundo, si-mesmo, temporalidade. *Revista Brasileira de Filosofia da Religião*, Brasília, v. 2, n. 2, p. 14-34, dez. 2015.

\_\_\_\_\_. Heidegger e o método da explicação fenomenológica das cartas de Paulo. *Reflexão*, Campinas, v.41, n.1, p. 95-111, jan./jun., 2016.

\_\_\_\_\_. O abismo invoca o abismo: uma meditação sobre o pensar e o ser. *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*. Toledo, v. 1, n.4, p. 41-64, 2019.

FERRER, Garcés Rócio. *El desasosiego de la vida fáctica*. La transformación afectiva de la intencionalidad en las lecciones de Friburgo de Martin Heidegger (1919-1923). 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) – Facultat de Filosofia i Ciències de l'Educació, Universitat de València. Valencia, 2014. 417p.

GRUPILLO, Arthur. Fenomenologia da vida religiosa: história e método na interpretação das epístolas paulinas do jovem Heidegger. *Numem: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 73-98, jul./dez. 2014.

JULIÃO, Claudiléia Cavalheiro; KIRCHNER, Renato. A fenomenologia da religião heideggeriana e a explicação fenomenológica da Epístola aos Gálatas. *Correlatio*, São Paulo, v. 15, n. 1, p.171-193, jun. 2016.

KIRCHNER, Renato. Heidegger: da filosofia fenomenológica à fenomenologia da religião. *Numem: revista de estudos e pesquisa da religião*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 135-168, jul./dez. 2014.

\_\_\_\_\_. A Problemática do tempo na conferência heideggeriana “Der Begriff der Zeit”. *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, Toledo – PR, 2017, v.1, n.1, p. 105-123.

KISIEL, Theodore. Heidegger on Becoming a Christian. In: KISIEL, T., VAN BUREN, J. (Orgs). *Reading Heidegger from the start*. Albany: State University Press of New York, 1994, p. 175-194.

LÓPEZ, Francisco de Lara. El concepto de fenómeno en el joven Heidegger. *Acta fenomenológica latino-americana*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú; Morelia: Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, 2009. v. 3. p. 377-392.

PÖGGELER, Otto. *El camino del pensar de Martin Heidegger*. [Tradução: Félix Duque Pajuelo]. Madrid: Alianza Editorial, 1986. 407p.

VINCI, Paolo. Prefazione. In: CARBONE, Guelfo. *La questione del mondo nei primi corsi friburghesi di Martin Heidegger*. Milão: Mimesis, 2017. 326p. (Coleção Le parole della filosofia).